

# Panium - Número Dezenove

## *Os Grandes: Antíoco, Constantino e o Último Presidente*

Jeff Pippenger

2026-03-01

A chave para interpretar corretamente os versículos dez a dezesseis de Daniel onze encontra-se nas aplicações proféticas básicas que foram empregadas há mais de trinta anos, em 1996, quando a revista *The Time of the End* foi publicada. Trinta anos depois, o Senhor revelou que outra mensagem profética deve ser formalizada, assim como a mensagem milerita foi formalizada em 1831. Na história ômega desses trinta anos, a mensagem a ser formalizada é apresentada como uma correção de uma mensagem anterior acerca do Islã, tal como representada por Josiah Litch, e também como uma mensagem corrigida da porta fechada, tal como representada por Samuel Snow, a qual é o símbolo da parábola das dez virgens. Será proclamada uma mensagem acerca do Islã, acompanhada de uma advertência sobre o fechamento progressivo das portas da graça à medida que Cristo conclui Sua obra de juízo. A mensagem é dupla, possuindo uma linha interna e outra externa, que, por sua vez, representam os dois primeiros passos do processo de prova em três etapas que sempre ocorre quando uma profecia é deslacrada, como o foi a revelação de Jesus Cristo em 31 de dezembro de 2023.

A revista *The Time of the End* contém o panorama básico do futuro da América, tal como representado nos últimos seis versículos de Daniel onze, que foram deslacrados no tempo do fim, em 1989. A revista tem permanecido no registro público por trinta anos, e ninguém percebeu que um dos temas principais da revista era o conflito religioso entre o comunismo e as igrejas sob a influência do Catolicismo, especialmente na Ucrânia. Aquela batalha religiosa de 1989 explica o contexto da derrocada religiosa de Putin, tal como representada por Ptolemeu e Uzias, na rebelião que ambos manifestaram no templo em Jerusalém. O templo em Jerusalém era o templo de Uzias, não o templo de Ptolemeu. Ambos, Putin e Zelenskyy, profanam o mesmo templo de duas maneiras diferentes; um como egípcio e outro como judeu.

A igreja que estava lutando contra o rei do sul em 1989 era a Igreja Católica. E por que não? O ateísmo da França infligiu a ferida mortal ao rei do norte em 1798; por que, então, o papado não retaliaria contra a prolongada perseguição do ateísmo à Igreja Católica, especialmente na Ucrânia? Mais significativo é que este claro testemunho acerca da Ucrânia veio de uma publicação de 1996, que citava historiadores seculares acerca da história de 1989. Agora que o Senhor está desvendando a história oculta do versículo quarenta, Ele apontou para a luta entre duas igrejas ortodoxas a fim de fornecer o contexto profético e histórico da batalha de Ráfia e seus desdobramentos, e já havia incluído as percepções necessárias na revista *The Time of the End*, publicada há trinta anos.

O ocaso de Napoleão corresponde ao ocaso progressivo de Lenin, Stalin e do sistema da União Soviética. Quando o reino do sul profético transferiu sua capital para a Rússia, houve duas grandes revoluções em 1917. A primeira é a chamada Revolução Russa, quando o czar foi deposto; e, no

mesmo ano, seguiu-se a Revolução Bolchevique, que levou à guerra civil de 1917 até 1922. Em 1922, formou-se a União Soviética.

O início da Rússia como o rei espiritual do sul representou uma revolução em duas etapas que levou à guerra civil e, em seguida, à formação de uma confederação de países. O colapso da União Soviética também ocorreu em duas etapas, começando com a derrubada do Muro de Berlim em 9 de novembro de 1989, o que então levou à dissolução da União Soviética em 31 de dezembro de 1991. Como último governante da Rússia, o rei do sul, Vladimir Putin foi tipificado pelo primeiro governante da Rússia — Vladimir Lenin.

Vladimir significa "um grande líder" e Putin significa "o caminho". Lenin significa "um grande rio", mas Vladimir Lenin escolheu o nome "Lenin" para ocultar seu verdadeiro nome, que era Vladimir Ilyich Ulyanov. Ilyich significa "filho de Elias", e Ulyanov significa "filho jovem de Elias".

O grande líder russo no caminho, na história representada pela batalha de Raphia em 217 a.C., foi tipificado pelo primeiro líder da Rússia, que, como Vladimir Lenin, era o grande líder do poderoso rio, mas ocultou seu nome. Um nome é um símbolo de caráter, e o fato de Vladimir ocultar seus dois nomes representa um caráter que escolheu um grande rio de pensamento político, em detrimento de um caráter representado por Elias, que significa "Deus é Jeová". A raiz do ateísmo é a negação de Deus, e o ateísmo é uma característica primordial do rei do sul. O segundo e o terceiro nomes dados a Lenin enfatizam Elias e seu filho, e o fim da Rússia como rei do sul é representado por Ptolemeu IV, que foi vitorioso na batalha de Raphia; porém, quando Antíoco retornou em 200 a.C., na batalha de Panium, quem reinava era o filho de Ptolemeu, então com cinco anos de idade. Os dois nomes originais de Lenin identificam Elias e seu filho e se alinham com Ptolemeu e seu filho. Elias e a mensagem a seus filhos ocorrem nos últimos dias, pouco antes do "grande e terrível dia do Senhor"; é também aí que se situam as batalhas de Raphia e Panium.

Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição. Malaquias 4:5, 6.

Os testemunhos de Uzias e de Ptolemeu concordam no versículo 11 de Daniel 11, e Uzias viveu por onze anos após sua rebelião e lepra; ao passo que Ptolemeu reinou por um total de dezessete anos, o que é o mesmo número de anos entre as batalhas do versículo 11 e do versículo 15. A profecia de 250 anos que começou em 457 a.C. terminou em 207 a.C., no meio daquelas duas batalhas; dez anos após Raphia e sete antes de Panium. O reinado de Ptolemeu IV começou em 221 a.C., e ele morreu em 204 a.C.; assim, os dezessete anos de Ptolemeu não são a mesma linha que os dezessete anos de Raphia a Panium. Nem são os mesmos dezessete anos representados pela conclusão da profecia de 250 anos que começa com Nero em 64 e termina em 313. De 313 até a primeira lei dominical em 321 são oito anos, e, nove anos depois, em 330, Constantino dividiu o reino em oriente e ocidente.

No futuro muito próximo, Putin e a Rússia derrotarão a Ucrânia, e os passos de Ptolemeu e Uzias começarão a repetir-se na história representada pelo versículo doze. As duas testemunhas bíblicas

situam a crise final de Putin numa crise de Igreja e Estado. A sua rebelião manifestou-se no templo em Jerusalém, identificando, assim, o templo e a religião de Uzias como o ponto de referência profética.

Zelenskyy, cujo nome significa “verde”, é o fantoche dos burocratas globalistas da União Europeia e das Nações Unidas, cuja agenda globalista é apropriadamente representada pelo movimento político verde que adora a mãe terra. É apropriado que Zelenskyy tenha sido ator, pois é claramente um instrumento de outros poderes, e o significado de seu nome, “verde”, identifica a filosofia política que orienta seus movimentos no tabuleiro de xadrez da história humana. O xeque-mate é iminente para Zelenskyy.

Nesta história final, a rebelião de Uzias e Ptolemeu voltará a ser encenada, mas Ptolemeu (Putin) morreu quatro anos antes da batalha de Panium, e o último governante do rei do sul é representado por uma criança de cinco anos que está sendo manipulada por uma série de regentes corruptos e incompetentes.

Ptolemeu V tinha apenas cerca de cinco a seis anos de idade quando ascendeu ao trono em 204 a.C. (após a misteriosa morte de seu pai), e o reino ptolomaico ficou paralisado por uma série de regências incompetentes ou corruptas durante o seu reinado. A regência inicial deu-se de 204 a 202 a.C., depois que a morte de Ptolemeu IV foi ocultada e sua mãe, Arsínoe III, foi assassinada. Os favoritos da corte Sosíbio, ministro de longa data sob Ptolemeu IV, e Agatócles, irmão da amante de Ptolemeu IV, Agatocleia, declararam-se regentes. Forjaram ou apresentaram um testamento que os constituía tutores, colocaram o jovem rei sob os cuidados de Agatocleia e de sua família e expurgaram rivais potenciais. Sosíbio encarregou-se de grande parte da administração inicial.

Operou-se uma mudança por volta de 202 a.C., quando Agathocles se tornou o regente dominante, mas era amplamente odiado por devassidão e má administração. Uma revolta popular em Alexandria levou ao seu linchamento brutal por uma turba, com aprovação nominal do rei-criança. Os regentes subsequentes foram Tlepolemus, o governador de Pelusium, e depois Aristomenes. À época da batalha de Panium, em 200 a.C., o reino encontrava-se sob essa sucessão rotativa de regentes e conselheiros da corte.

Na batalha de Panium, as forças ptolomaicas foram comandadas em campanha pelo general Escopas da Etólia, um comandante mercenário nomeado durante a regência, e não pelo próprio Ptolemeu V. O jovem rei não detinha controle efetivo — as decisões e a estratégia militar, bem como a debilidade geral do reino, provinham da paralisia dos regentes, de revoltas internas (como as insurreições dos egípcios nativos) e de intrigas palacianas. Essa instabilidade permitiu que Antíoco III, o Grande, derrotasse de modo decisivo Escopas em Panium, apoderando-se da Celessíria, incluindo a Judeia, e retirando-as definitivamente do controle ptolomaico.

Historiadores discutem a probabilidade de que a morte de Ptolemeu IV tenha sido por envenenamento, o que também faz parte da especulação histórica concernente a Vladimir Lenin, Joseph Stalin, assim como à rainha do sul, Cleópatra. Putin prevalece na Guerra na Ucrânia, mas então sua queda tem início com o desejo de implementar a relação de controle que a União Soviética outrora mantinha com a igreja ucraniana, a qual, quando removida em 1989, foi o

símbolo da vitória do rei do norte sobre o rei do sul.

A Ucrânia é o berço da Ortodoxia eslava oriental. O batismo de Vladimir, o Grande, teve lugar em 988, em Kyiv. Moscou posteriormente reivindicou o título de “Terceira Roma” após a queda de Constantinopla, posicionando-se como a herdeira legítima e guardiã espiritual de todas as terras russas, incluindo a Ucrânia como seu “território canônico”.

O Patriarcado de Moscou sempre viu a Ucrânia como espiritualmente inseparável da Rússia, com o lema “Um só povo, uma só fé”, expressão que o próprio Putin tem repetidamente utilizado. A Ucrânia, especialmente desde 2014/2022, vê cada vez mais a tutela de Moscou como dominação colonial e imperial, em vez de verdadeira maternidade espiritual. Em fevereiro de 2026, há duas estruturas ortodoxas concorrentes. Uma é a Igreja Ortodoxa da Ucrânia, que desde 2019 é independente do Patriarca Ecumênico Bartolomeu de Constantinopla. Em Kyiv, a Igreja Ortodoxa da Ucrânia é considerada a verdadeira igreja nacional.

Atenção, leitor: a Igreja Ortodoxa da Ucrânia é distinta da Igreja Ortodoxa Ucraniana. A Igreja Ortodoxa Ucraniana está vinculada à Igreja Ortodoxa Russa e, por essa razão, Zelensky tem atacado essa igreja. O Vaticano opõe-se aos ataques de Zelensky já em curso, mas a rebelião de Putin do versículo doze segue-se à sua vitória em Raphia e ainda está por vir.

A Igreja Ortodoxa Ucraniana esteve historicamente vinculada à entidade de Moscou. Na esteira da invasão de 2022, a Igreja Ortodoxa Ucraniana declarou plena autonomia em maio de 2022, mas investigações estatais ucranianas (DESS) têm reiterado que ela permanece canonicamente e juridicamente afiliada a Moscou. A Ucrânia aprovou, em agosto de 2024 (assinada por Zelensky), uma lei que proíbe qualquer entidade religiosa vinculada à Igreja Ortodoxa Russa (o "Estado agressor"). À Igreja Ortodoxa Ucraniana foi ordenado que rompesse integralmente os vínculos, sob pena de dissolução judicial de sua Metrópole de Kyiv. No final de 2025 e no início de 2026, há buscas e apreensões em curso, transferências de paróquias para a Igreja Ortodoxa Ucraniana (mais de 1.300 desde 2022), processos judiciais e peritos da ONU advertindo para preocupações relativas à liberdade religiosa no que diz respeito à Igreja Ortodoxa Ucraniana.

O Vaticano opôs-se publicamente a qualquer dissolução forçada da Igreja Ortodoxa Ucraniana. A Rússia e Putin apresentam isso como perseguição aberta à Ortodoxia canônica e fizeram da proteção das “igrejas ortodoxas russas” uma exigência explícita em quaisquer negociações de paz. A propaganda russa vincula de modo consistente a Igreja Ortodoxa Ucraniana e os ataques do Estado ucraniano contra ela ao “nazismo” e os apresenta como parte de sua justificativa de “desnazificação”.

Putin, de forma presunçosa, "entrará no templo" e reivindicará pleno domínio espiritual sobre a Ortodoxia ucraniana, numa tentativa de voltar a subordinar toda a estrutura eclesiástica ucraniana a Moscou, exigindo reconhecimento como o legítimo chefe espiritual do mundo ortodoxo russo.

Isto constitui o paralelo exato à entrada de Ptolemeu no Lugar Santíssimo, ao passo que Uzias corresponde a Zelensky, que procura queimar incenso. A rebelião de Ptolemeu ocorreu no Lugar Santíssimo e a de Uzias, no Lugar Santo. É um rei do sul, ensoberbecido pela vitória da

“borderline”, que põe fim ao poder por procuração do nazismo e, em seguida, ultrapassa os limites, adentrando o lugar que pertence unicamente ao domínio da religião. Então sobrevirá uma súbita humilhação providencial, e Putin desaparecerá de cena (tal como Ptolemeu IV morreu em 204 a.C.). Após o vácuo de poder de uma fase de “sucessores fracos”, o rei do norte retorna com maior força e prevalece na batalha moderna de Panium, no versículo 15.

## Dezessete

O período de dezessete anos ocorre três vezes na história em que as batalhas de Raphia e Panium se fundem, linha sobre linha. Os dezessete anos vão desde o Édito de Milão, no qual os tronos oriental e ocidental do Império foram reunidos mediante matrimônio, até 330, quando o reino foi dividido e divorciado. As balizas inicial e final desses dezessete anos são marcos de outros dois períodos proféticos correlatos. Iniciando com Nero, no ano 64, assinala-se um período de perseguição que se encerrou na história de Constantino, o Grande. A transição do período de perseguição de Nero para a acomodação representada por Constantino identifica a transição da Igreja de Esmirna para a Igreja de Pérgamo. O ano 313 e o Édito de Milão identificam o fim da Igreja de Esmirna, e o término do período de dezessete anos é o ano 330, que foi o cumprimento da profecia de trezentos e sessenta anos de Daniel 11:24.

Entrará pacificamente mesmo nos lugares mais férteis da província; e fará o que não fizeram seus pais, nem os pais de seus pais; repartirá entre eles a presa, o despojo e as riquezas; sim, projetará os seus intentos contra as fortalezas, mas por certo tempo. Daniel 11:24.

Os dezessete anos que se iniciam em 313, com o Édito de Milão, começam com um cumprimento de profecia e terminam com o cumprimento de outra profecia. O primeiro cumprimento profético, que assinala o início, identifica a transição da igreja de Esmirna para a igreja de Pérgamo, e a profecia que assinala o término desses dezessete anos identifica a divisão de Roma em Roma oriental e Roma ocidental. Os dezessete anos são identificados pela história profética, não por qualquer proclamação específica de dezessete anos. O alfa da divisão da segunda igreja em relação à terceira coincidiu com a divisão do império em Oriente e Ocidente, no cumprimento da profecia de tempo de 360 anos. Essas duas profecias estabelecem um período de dezessete anos, e esse período precisa ser estabelecido como um período profético legítimo com base no testemunho de duas ou três testemunhas, se dezessete é um símbolo profético válido.

Aquelas testemunhas existem em outro período de 250 anos, que começou em 457 a.C. Nessa data teve início a profecia dos 2.300 anos de Daniel 8:14. O ano 457 a.C. é um ponto de partida profético e um marco profético estabelecido. Estendendo 250 anos para o futuro, chega-se a 207 a.C., que corresponde à história entre as batalhas de Ráfia e Pânio. As batalhas de Ráfia e de Pânio não podem ser separadas, pois ambas foram travadas por Antíoco, o Grande. Desde a batalha de Ráfia, em 217 a.C., até a batalha de Pânio, em 200 a.C., são dezessete anos. A profecia dos 2.300 anos identifica, no início, uma mudança de dispensação, quando o terceiro decreto restaurou a soberania nacional de Judá; e, no final, houve uma mudança de dispensação quando Cristo passou do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo. O ano 207 a.C. representa a mudança de dispensação do domínio egípcio sobre a Judeia para a dispensação selêucida de domínio sobre a terra gloriosa. A

dispensação do controle selúcida sobre a terra gloriosa produziu a revolta dos Macabeus em 167 a.C.

O período de Nero de 250 anos termina com a história de Constantino, o GRANDE, e os 250 anos que se concluem entre as duas batalhas constituem a história de Antíoco, o GRANDE. Na batalha de Ráfia, Ptolemeu IV derrotou Antíoco, o Grande, e Ptolemeu reinou por dezessete anos. Ambos os períodos de 250 anos contêm um período distinto de dezessete anos. Ambos terminam na história de um governante conhecido como o GRANDE. Ambos os períodos de 250 anos começam em um marco profético estabelecido e ambos terminam em um marco profético estabelecido.

Os Estados Unidos tiveram início em 4 de julho de 1776 e, 250 anos depois, isso conduz a 4 de julho de 2026, quando Donald Trump, conhecido como aquele que busca tornar a América “grande”, vai celebrar esses 250 anos. O ano de 2026, à semelhança do período de 250 anos a partir de 457 a.C., insere-se no meio da história das batalhas modernas de Raphia e Panium, conhecidas como a Guerra Ucraniana e a Terceira Guerra Mundial. O reinado de um rei do sul, o período da primeira lei dominical e o período que vai da batalha de Raphia a Panium fornecem três períodos de dezessete anos, todos conectados com a mesma história profética. Três períodos de 250 anos convergem simultaneamente nas mesmas histórias proféticas. Os três períodos de 250 anos estabelecem três linhas de verdade profética, com história associada a Donald Trump, representado quer como Constantino, o Grande, quer como Antíoco, o Grande.

As três linhas de 250 anos proporcionam três ilustrações diferentes, porém complementares, dos últimos dias. A linha de Nero identifica a história de dezessete anos de transigência que corresponde de modo perfeito às características proféticas da formação da imagem da besta.

“O Senhor mostrou-me claramente que a imagem da besta será formada antes do encerramento do tempo de graça; pois ela deverá ser a grande prova para o povo de Deus, pela qual será decidido o seu destino eterno. Sua posição é tal emaranhado de inconsistências que poucos serão enganados.

“Em Apocalipse 13, este assunto é claramente apresentado; [Apocalipse 13:11–17, citado].”

“Esta é a prova pela qual o povo de Deus deve passar antes de ser selado. Todos os que demonstraram sua lealdade a Deus, observando Sua lei e recusando-se a aceitar um sábado espúrio, se alistarão sob a bandeira do Senhor Deus Jeová e receberão o selo do Deus vivo. Aqueles que renunciam à verdade de origem celestial e aceitam o sábado dominical receberão a marca da besta.” Manuscript Releases, volume 15, 15.

A imagem da besta é a união de Igreja e Estado, com a Igreja no controle da relação. A transigência de Constantino, ao tentar unir o paganismo ao cristianismo, é o exemplo clássico da transigência dos últimos dias.

“Nos movimentos atualmente em curso nos Estados Unidos para assegurar às instituições e práticas da igreja o apoio do Estado, os protestantes estão seguindo as pegadas dos papistas. Mais ainda, estão abrindo a porta para que o papado recupere, na América Protestante, a supremacia que perdeu no Velho Mundo. E o que confere maior significado a esse movimento

é o fato de que o principal objetivo em vista é a imposição da observância do domingo — um costume que se originou em Roma e que ela reivindica como o sinal de sua autoridade. É o espírito do papado — o espírito de conformidade com os costumes mundanos, a veneração por tradições humanas acima dos mandamentos de Deus — que está permeando as igrejas protestantes e levando-as a realizar a mesma obra de exaltação do domingo que o papado realizou antes delas.”

“Se o leitor quiser compreender os agentes que serão empregados no conflito que em breve sobrevirá, não tem senão seguir o registro dos meios que Roma empregou, em épocas passadas, para o mesmo objetivo. Se quiser saber como papistas e protestantes unidos tratarão aqueles que rejeitam os seus dogmas, veja o espírito que Roma manifestou para com o sábado e os seus defensores.

Éditos reais, concílios gerais e ordenanças eclesiásticas amparadas pelo poder secular foram as etapas pelas quais o festival pagão alcançou sua posição de honra no mundo cristão. A primeira medida pública que impôs a observância do domingo foi a lei promulgada por Constantino. (321 d.C.) Este édito determinava que os cidadãos repousassem no “venerável dia do sol”, mas permitia que os homens do campo continuassem suas atividades agrícolas. Embora fosse virtualmente um estatuto pagão, foi imposto pelo imperador após sua aceitação nominal do cristianismo. O Grande Conflito, 574.

A progressão de concessões que conduziu e novamente conduzirá à lei dominical é representada pelo período de dezessete anos, de 313 a 330, tendo a primeira lei dominical de 321 como ponto médio da história. No início houve um casamento entre o Oriente e o Ocidente, e ao fim houve o divórcio entre o Oriente e o Ocidente. A primeira lei dominical é o marco central que representa rebelião, assim como a décima terceira letra do alfabeto hebraico, quando precedida pela primeira letra e seguida pela vigésima segunda e última letra do alfabeto, compõe a palavra hebraica verdade. O casamento no início e o divórcio no fim identificam a letra alfa em concordância com a letra ômega. O período de 250 anos que começou com Nero tem a assinatura de Cristo e aborda um tema de verdade presente nos últimos dias.

O período de 250 anos que se inicia em 457 a.C. enfatiza o poder civil representado por Antíoco, o Grande, tal como ele se insere no período de dezessete anos que vai de Ráfia a Pânio. Compreendemo-lo como poder civil, pois em 457 a.C. também teve início uma profecia de 2.300 anos. Os 2.300 anos constituem a linha interna da profecia que trata da obra de redenção de Deus, a qual se alinha com um símbolo de poder eclesiástico. Ao contrário do período de 250 anos que começou com Nero, o período que começa em 457 a.C. aborda o papel político do último presidente americano, que procura tornar a América e, depois, o mundo grandes, ao promover o conceito católico errôneo de uma idade de ouro de mil anos de paz.

Os duzentos e cinquenta anos dos Estados Unidos, que são a besta da terra de Apocalipse treze, identificam a conclusão do sexto reino da profecia bíblica, que termina onde começou, em meio à guerra. Os vencedores da história definem o registro histórico que é preservado. Os Democratas globalistas, impulsionados pelo dragão, veem a anarquia atual como uma revolução, e os Republicanos de muita conversa e nenhuma ação veem a história atual como uma guerra civil. Os

Democratas são representantes do dragão da profecia bíblica, e os Republicanos são representados como protestantes apóstatas, ou, nos termos de João em Apocalipse dezesseis, eles são o falso profeta. Os Estados Unidos começaram em uma guerra revolucionária e terminam com uma guerra revolucionária. O Partido Republicano começou em uma guerra civil e termina em uma guerra civil. Os Republicanos veem a guerra civil que os Democratas chamam de revolução.

Trump, como o último presidente republicano, possui os atributos proféticos do primeiro presidente republicano, que se manifestou na história externa da Guerra Civil. A Guerra Civil externa de Lincoln foi também a história interna da profecia de Isaías, capítulo sete, versículo oito, que se concluiu em 1863, no próprio ano da Proclamação de Emancipação. A distinção entre os dois partidos é um princípio profético primário e fundamental. Ela começou com Caim e Abel, que, no tempo de Cristo, foram representados pelos saduceus e pelos fariseus, duas classes de Caim que haviam de assassinar um Abel.

Os Fariseus e os Saduceus representam aqueles que concordaram em crucificar o seu Messias, por razões distintas, mas, ainda assim, concordes. Os Fariseus professavam observar a Lei, mas não o faziam, como sucede com os Republicanos. Os Fariseus professavam observar a Lei divina original, mas interpretavam a Lei segundo a sua própria lógica sectária. O que a Lei original era para os Fariseus é a Constituição para os Republicanos: a própria Constituição que afirmam defender, mas não a defendem. Os Saduceus rejeitavam o poder de Deus e, embora fossem uma seita menor do que os Fariseus, os Saduceus controlavam o panorama religioso e político da Judeia no tempo de Cristo. Os Democratas são uma seita menor do que os Republicanos, tão pequenos que têm de recorrer à fraude para se manter no poder; e, no poder, de fato permanecem, pois os seus oponentes, que professam defender a justiça igual para todos, nada fazem para fazer valer os princípios da lei que professam defender.

Não há nada de novo debaixo do sol, e os dois partidos políticos nos Estados Unidos são tão integrantes do cenário profético quanto o foram os fariseus e saduceus. Há, por certo, muitos outros paralelos ao longo dessa linha profética, mas é somente quando se percebe a relação profética dos dois poderes ímpios que, embora adversários, se unem contra a santidade, que então Ptolemeu e Uzias são vistos sob a devida luz. Ambos os reis do sul tentaram oferecer sacrifícios no mesmo templo, mas Ptolemeu, do Egito, representa um poder dracônico — os Democratas. Uzias, como rei de Judá, é o líder da terra gloriosa, a qual é o protestantismo apóstata, ou o falso profeta — os Republicanos.

A relação entre o dragão e o falso profeta é classicamente representada no Monte Carmelo. No monte, Acabe representou o dragão, e os profetas de Baal e de Astarote de Jezabel representaram os falsos profetas que se opuseram a Elias. A besta que é Jezabel ainda permanecia nos bastidores em Samaria. A união do dragão com o falso profeta foi também representada pela unificação de Roma pagã e dos judeus na cruz, como o será a unificação dos Democratas e dos Republicanos na lei dominical. Os elementos de um poder unificado estão representados pelos Democratas e pelos Republicanos dentro do chifre republicano da besta da terra. Esses dois poderes políticos ímpios são representados por Caim, e a linhagem de Abel também possui uma bipartição.

A linha de Abel, que, em relação à linha externa de Caim, é a linha interna, é representada por duas classes de virgens. A progressão do chifre protestante da besta da terra, isto é, os Estados Unidos, é representada por uma série de purgas religiosas, começando pela igreja de Sardes, em 1798, quando os Estados Unidos se tornaram o sexto reino da profecia bíblica. Sardes era uma igreja que tinha nome de que vivia, mas estava morta. Em 1798, as seitas protestantes que se haviam separado da igreja papal já estavam retornando a Roma. Os cristãos foram, pela primeira vez, chamados cristãos em Antioquia.

Foi em Antioquia que os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos. Esse nome lhes foi dado porque Cristo era o tema principal de sua pregação, de seu ensino e de suas conversas. Continuamente relatavam os episódios ocorridos nos dias de Seu ministério terreno, quando Seus discípulos foram abençoados com Sua presença pessoal. Incansavelmente detinham-se em Seus ensinamentos e em Seus milagres de cura. Com os lábios trêmulos e os olhos marejados, falavam de Sua agonia no jardim, da traição que sofreu, de Seu julgamento e de Sua execução; da longanimidade e humildade com que Ele suportou os ultrajes e a tortura que Lhe foram impostos por Seus inimigos; e da piedade divina com que Ele orou por aqueles que O perseguiam. Sua ressurreição e ascensão, e Sua obra no céu como o Mediador em favor do homem caído, eram temas sobre os quais se alegravam em discorrer. Bem podiam os pagãos chamá-los cristãos, pois pregavam Cristo e dirigiam suas orações a Deus por meio dEle.

Foi Deus quem lhes deu o nome de cristão. Este é um nome real, dado a todos os que se unem a Cristo. Foi acerca desse nome que Tiago escreveu mais tarde: “Não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais? Não blasfemam eles esse nome digno pelo qual sois chamados?” Tiago 2:6, 7. E Pedro declarou: “Se alguém sofre como cristão, não se envergonhe; antes, glorifique a Deus por isso.” “Se sois vituperados pelo nome de Cristo, bem-aventurados sois; porque o Espírito da glória e de Deus repousa sobre vós.” 1 Pedro 4:16, 14. Atos dos Apóstolos, 157.

À igreja de Éfeso foi dado o nome de cristã, o que conduziu à igreja perseguida de Esmirna, a qual foi seguida pela igreja do compromisso na história de Pérgamo. Quando o papado assumiu o trono, uma separação identificou a verdadeira igreja de Deus como a igreja no deserto. A Igreja Romana correspondia a Tiatira. Ao término do período no deserto de mil duzentos e sessenta anos, surgiu a igreja do Protestantismo, e daí em diante o chifre protestante é representado por uma série divina de provas e depurações.

O protestantismo começou quando Martinho Lutero pregou as suas 95 teses na porta, em 1517, e, "23" anos depois, em 1540, teve início a Ordem dos Jesuítas. Em 2013, a 95ª e última apresentação das Tábuas de Habacuque foi pregada na porta, e, em 13 de março de 2013, iniciou-se o pontificado do primeiro papa jesuíta. Martinho Lutero foi excomungado naquela mesma história pelo papa Leão. Quem diria...

Em 1798, a igreja de Sardes alegava manter o nome de "Protestante", mas, ao voltar-se para Roma, já deixava de fazer jus a esse nome. Quando o Adventismo Milerita empunhou a tocha do Protestantismo em 1844, representou uma repreensão a Jeroboão, o primeiro rei de Israel, uma

nação aparentada pelo sangue com a tribo de Judá, onde Deus havia colocado o Seu templo. Jeroboão estabeleceu uma contrafação, baseada na religião que representava a antiga servidão de sua nação. Ele repetiu a rebelião primordial de Arão ao erigir uma imagem de um animal, com todo o significado profético associado à história. Mas, em sua cerimônia de dedicação, o Adventismo Milerita censurou a sua falta de disposição para continuar a dirigir o verdadeiro culto ao santuário onde Deus habita. Jeroboão queria que o foco da adoração estivesse em Betel e Dã, representando aqueles de Sardes, em 1844, que se recusaram a seguir a Cristo para o Lugar Santíssimo.

O Adventismo milerita escolheu retornar à religião de Roma e adotou os próprios argumentos doutrinários daqueles que haviam acabado de ser expostos como falsos profetas por sua rejeição da mensagem de Miller, tomando-os por seus mestres teológicos, a fim de justificar sua rejeição da mensagem profética dos sete tempos. O Adventismo milerita, tal como o profeta desobediente, escolheu o seu próprio caminho, em vez de seguir a direção de Deus. O caminho escolhido pelos néscios em todas as provas e depurações das virgens prudentes e néscias, desde a Reforma Protestante em diante na história profética, é o caminho que retorna ao culto daquela terra da qual fostes libertos e, como se diz, “todos os caminhos conduzem a Roma.” Todos os caminhos, exceto os antigos caminhos de Jeremias.

A Reforma Protestante fora tipificada pelo retorno de Moisés ao Egito, a fim de conduzir o povo de Deus à Terra Prometida. Uma vez fora da terra do cativeiro, Deus propôs dar ao Seu povo escolhido a Sua lei. Na linha de Moisés e da Reforma Protestante, a rebelião manifestou-se imediatamente após o livramento. Deus pôs à prova Sardes, um povo que alegava possuir um nome vivo, mas estava morto por ocasião da mensagem de William Miller. Duas depurações ocorreram em 1844; a primeira foi a depuração da igreja de Sardes, que havia afirmado ser protestante, mas foi comprovada morta; e, então, os mileritas foram depurados no mesmo ano, em cumprimento da parábola das dez virgens.

Os Democratas e os Republicanos representam duas classes políticas que, juntas, constituem o chifre republicano da besta da terra de Apocalipse treze. As virgens prudentes e néscias são duas classes religiosas que, juntas, constituem o chifre protestante da besta da terra. As virgens prudentes possuem o primeiro nome dado em Antioquia. As virgens prudentes são cristãs, mas são também filadelfienses que têm a promessa de receber um nome.

Ao que vencer, fá-lo-ei coluna no templo do meu Deus, e dele jamais sairá; e sobre ele escreverei o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, da parte do meu Deus; e escreverei sobre ele o meu novo nome. Apocalipse 3:12.

A primeira vez em que Deus denominou o Seu povo cristão foi em Antioquia, e a história em que o movimento de Laodiceia dos cento e quarenta e quatro mil se transforma no movimento de Filadélfia dos cento e quarenta e quatro mil é também a história de Antíoco, o Grande, de quem a cidade de Antioquia recebeu o nome e que é representado ao término de um período de 250 anos, compreendido entre as batalhas de Ráfia e Pânio.

Daremos continuidade a esses tópicos no próximo artigo.